



**SOCIEDADE
CRISE E RECONFIGURAÇÕES**

VII CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA

19 a 22 Junho 2012

Universidade do Porto - Faculdade de Letras - Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação

ÁREA TEMÁTICA: Populações, Gerações e Ciclos de Vida

INTERGERACIONALIDADE: QUE FUTURO?

GRAZINA CORTEZ, Mariana

Doutoramento em Sociologia

Escola Superior de Educação João de Deus,

mimgcortez@hotmail.com

SOUSA, Ana Paula

Licenciatura em Gerontologia Social

Santa casa da Misericórdia de Lisboa

Resumo

Neste trabalho com o tema a “Intergeracionalidade: Que futuro?”, o contacto entre gerações assume-se como uma temática assaz pertinente na época que se vive, numa sociedade a envelhecer, na qual é necessário redimensionar o papel dos mais velhos na sociedade, e mais especificamente, o futuro das relações entre jovens e idosos.

Pretendemos realçar o valor da pessoa idosa na sociedade e a importância das relações entre gerações diferentes, neste caso específico, relações entre pessoas jovens e idosas, assim como os benefícios que estas relações podem ter para ambas as partes.

Defendemos que, participar e interagir em actividades intergeracionais positivas, são exemplos a seguir e práticas possíveis de ser implementadas. Constatámos, através de testemunhos e depoimentos de jovens e idosos intervenientes nos projectos, a importância e impacto que tiveram na sua vida, elevando a auto-estima e contribuindo para o envelhecimento activo e positivo.

Olhar o Futuro a partir dos desafios que a intergeracionalidade nos proporciona é, sem dúvida, promover o envelhecimento activo e poder acreditar que os mais velhos são cidadãos de pleno direito, numa sociedade que se sentiria incompleta sem a mais-valia daqueles que a ajudaram a construir, e ainda são fonte de grande potencial para a sua (re)construção.

Abstract

In this work with the theme "intergenerational: What future?", contact between generations is assumed as a theme quite relevant at the time that we live in an aging society in which it is necessary to reassess the role of elders in society, and more specifically, the future of relations between young and old.

We intend to enhance the value of older people in society and the importance of relations between different generations, in this case, relations between young and elderly, as well as the benefits that these relationships can have on both parts.

We argue that participate and interact in positive intergenerational activities, is possible and desirable. We found, through testimony and statements from young and old actors in the projects, the importance and impact that had on their life, increasing self-esteem and contributing to the positive and active aging.

Aging well depends on a constant learning during the life of every human being. Learning whose main objective is to achieve and maintain as much as possible, healthy lifestyles and continue to develop mental and physical capabilities at the final stage of life, while acknowledging that the foundations of a healthy and enriching old age is launched an initial stage of life.

Look at the Future from the challenges that gives us the relationship between generations is undoubtedly promote active aging and power believe that older people are full citizens in a society that would feel incomplete without the added value of those who helped build, and still are a source of great potential for its (re) construction.

Palavras-chave: Idoso; Jovem; Intergeracionalidade

Keywords: elder people; young people; intergeneration relations

:

PAP0921

1.Introdução

Ao aumento demográfico da população idosa está associado o aumento da longevidade, sendo o envelhecimento da população um fenómeno evidente. Contudo, nem sempre esta longevidade se traduz em melhor qualidade de vida na velhice.

Esta poderá existir não só no aspeto financeiro, mas também na competência, na mobilidade e na dimensão cognitiva e na relação com os outros, sendo que todos estes fatores influenciam a saúde e o bem-estar da pessoa idosa.

Apesar de muitos esforços neste sentido, os estereótipos relativos a esta etapa do ciclo de vida ainda marcam as sociedades ocidentais atualmente, sendo vários os autores que identificam estereótipos relativos aos idosos (Berger, 1995; Richard e Mateev-Dirkx, 2004). Alguns estudos evidenciam que são os mais novos que têm percepções menos positivas a respeito dos idosos, mais do que as outras pessoas adultas (Molina, 2000).

Há vários aspetos que têm contribuído para uma visão menos positiva da parte dos mais novos sobre a velhice, devendo-se por vezes, ao facto de estar relacionado com a segregação das gerações na própria estrutura social, a exemplo disso, enquanto as crianças vão para os infantários, os idosos vão para lares. Um outro aspecto parece estar relacionado com a fragmentação das famílias, que muitas vezes, priva e/ou reduz as oportunidades de relacionamento e contacto entre os membros mais novos e mais velhos da família.

Neste trabalho intitulado de *Intergeracionalidade: Que Futuro?* queremos realçar o valor da pessoa idosa na sociedade. A importância das relações entre gerações diferentes, neste caso específico, relações entre jovens e idosos, assim como os benefícios que estas relações podem ter para ambos.

Assim, consideramos de todo o interesse o tema da intergeracionalidade, sentindo a necessidade de educar os mais novos a gostar de envelhecer e a não temer a velhice.

Segundo alguns estudos realizados por Bales, Eklund e Siffin (2000), os jovens tendem a modificar para melhor o seu conceito sobre os idosos, depois de terem sido inseridos em programas intergeracionais onde participavam também pessoas mais velhas.

Neste contexto é igualmente necessário desmistificar os estereótipos acerca da velhice, junto dos idosos que encaram a velhice como um período negativo das suas vidas, contribuindo para que se respeitem e dignifiquem a sua ancianidade.

Abordaremos a temática da intergeracionalidade, bem como a sua contextualização histórica, mais especificamente em Portugal. Focamos também a atenção em alguns modelos conceptuais propostos para a prática intergeracional, assim como as implicações da prática intergeracional para as pessoas idosas, jovens e comunidade. Faremos o enquadramento teórico dos conceitos intergeracionalidade, jovens e idosos.

2.Objectivos e Nota Metodológica

Como nos referem os estudos realizados por teóricos Bogdan e Biklen (1994, p.16) “(...)utilizamos a expressão investigação qualitativa, como um termo genérico que agrupa diversas estratégias de investigação que partilham determinadas características.”

O carácter desta pesquisa é essencialmente exploratório / reflexivo, na medida em que os dados recolhidos são designados por qualitativos, ricos em pormenores descritivos relativamente a pessoas, locais e conversas, e de complexo tratamento estatístico. As questões a investigar não se estabelecem mediante a operacionalização de variáveis, mas sim, formuladas com o objetivo de investigar os factos na sua complexidade e em contexto natural. Assim, pretendemos responder a questões de natureza explicativa e reflexiva não exercendo o controlo sobre os factos

Esperamos, deste modo, poder contribuir para um maior conhecimento na área da intergeracionalidade entre jovens e pessoas idosas. E, paralelamente compreender a influência das relações positivas, entre gerações na promoção do bem-estar destas pessoas.

Sendo este trabalho essencialmente de reflexão sobre um tema tão antigo quanto a existência do Homem na relação entre gerações, e simultaneamente tão atual e complexo quanto é a sociedade em que estamos inseridos, o apreender as perspetivas dos participantes e focalizando-se na dinâmica interna das relações interpessoais entre idosos e jovens, permite-nos uma análise sobre uma área que necessita de maior exploração e implementação: projetos juvenis de práticas intergeracionais.

Para os autores acima citados, o facto de se pretender recolher dados no ambiente natural em que as ações ocorrem, descrever as situações vividas pelos participantes e interpretar os significados que estes lhes atribuem, justifica a realização de uma abordagem qualitativa.

Assim, desta forma, pretendemos responder a questões de natureza explicativa e reflexiva não querendo exercer o controlo sobre os factos. Interessa-nos obter um produto final com características reflexivas das situações vividas durante a nossa prática profissional e que responda a algumas reflexões e análises do quotidiano social das pessoas idosas.

Considerando os recursos (materiais, temporais e pessoais) existentes para lidar com a questão formulada: ***Intergeracionalidade: Que futuro?*** Optámos por usar uma abordagem teórico-metodológica que permita, num mínimo de tempo, contribuir da melhor forma para a compreensão do fenómeno e para o avanço do bem-estar social da população geronte.

Temos o cuidado de obviamente, deixar em aberto, a questão / problema deste trabalho, com o intuito de não extrapolar a escassez de dados obtidos.

3.A Intergeracionalidade

A palavra *intergeracionalidade* não se encontra descrita no dicionário de língua portuguesa. Uma vez que estamos perante uma palavra composta por aglutinação, só a podemos analisar fazendo a sua decomposição. Assim, o termo *inter*, é um elemento de formação de palavras que exprime “a ideia de entre, dentro de, no meio” e o termo *geracional* remete-nos para a ideia de “relativo a uma geração, próprio de uma geração” (Dicionário da Língua Portuguesa, 2008).

Num sentido positivo, considera-se a convivência plena com todas as fases da vida (infância, juventude, adultice e velhice), o que permite que nos reconheçamos e nos identifiquemos de alguma forma com cada uma delas.

No idioma inglês o vocábulo *intergenerational* (intergeracional) também não aparece claramente definido, ainda que surja com alguma frequência em vários estudos (Ames e Youatt, 1994; Dellmann-Jenkins, 1997; Kaplan et al., 2006; Weintraub e Killian, 2007). Da análise da palavra advém a ideia de, entre-gerações, pelo que o seu significado remete-nos para a ideia de relações entre gerações. Segundo Jacob (2007) quando normalmente se faz referência a relações intergeracionais associa-se quase exclusivamente às relações entre jovens e idosos. Contudo, o autor assinala o facto de existirem na família e na sociedade mais tipos de intergeracionalidade, com outros intervenientes. Apresentando-nos alguns exemplos, numa família existirem três gerações, mãe, filha e avó; numa fábrica coexistem várias gerações de trabalhadores; num lar, entre utentes podem conviver quatro gerações (60, 70, 80 e 90 anos).

Outros autores definiram as relações intergeracionais como sendo uma interacção planeada de grupos de pessoas com diferentes idades, em diferentes fases da vida e em diferentes contextos, tendo como princípios a equidade e a solidariedade.

Neri (2005) define o conceito intergeracional como o termo utilizado para se referir às relações que ocorrem entre indivíduos pertencentes a diferentes gerações e que envolve, não apenas o contexto familiar, mas toda a vida social dos indivíduos. O que contribui para conferir novo significado à velhice, que passa a ser encarada de uma forma mais leve e entusiasmada.

Corroborando essa ideia, Kachar (2001), afirma que uma escola voltada aos idosos ensina a rever o pensamento, gera vínculos, e os prepara para um novo paradigma de velhice, ou seja, uma etapa da vida que

pode ser produtiva, em que as pessoas interagem e participam em grupos culturais intergeracionais, e que conhecem e reivindicam seus direitos.

A ideia de quebrar preconceitos que, na maioria das vezes acontecem por pura falta de conhecimento, é primordial para que as pessoas entendam a importância do Idoso e do Adolescente/Jovem. Assim, é uma tarefa que precisa ser abraçada como prioridade. A melhoria e o respeito dos direitos da criança, do adolescente / do jovem e dos idosos, exige esforços contínuos de todos. É errado pensar que é uma tarefa isolada dos líderes governamentais, é uma luta de indivíduos, da sociedade civil, dos estados, dos governos, de todos nós:

É na inconclusão do ser, que se sabe como tal, que se funda a educação como processo permanente. Mulheres e homens se tornam educáveis na medida em que se reconheceram inacabados. Não foi a educação que fez mulheres e homens educáveis, mas a consciência de sua inconclusão é que gerou sua educabilidade. (Freire, 2003, p.34)

Na sociedade, os avós têm o papel de criar união nas famílias embora, por vezes, também possam ser o foco de discórdia e de separação dos casais.

Os conflitos intergeracionais têm a sua origem em problemas que não foram solucionados, e com o passar dos anos vão crescendo e vão criando dificuldades na harmonia familiar. Mas, nas famílias onde há flexibilidade e fortes relações familiares, ocorre uma troca positiva entre as gerações.

Em França, as relações intergeracionais são tidas como algo muito importante para a harmonia económica e social do país. Devido à longevidade, podem coexistir na família, quatro gerações, onde os jovens e os adultos cuidam das crianças e dos velhos. O mundo é cada vez mais complexo, e muitas vezes reina uma certa insegurança, devido à instabilidade económica e à mudança de valores, que nos obrigam a mudar de convicções e a aprender a lidar com as novas realidades. Todas as alterações a nível mundial têm repercussões no domínio público mas também no privado, provocando muitas vezes instabilidade familiar e por consequência as relações entre os membros da família.

Um estudo realizado por Carlson (2009), na Universidade de Washington, nos EUA, concluiu que as relações intergeracionais são importantes na prevenção de doenças e na promoção de um envelhecimento saudável. Neste estudo participaram 2000 voluntários com mais de 55 anos de idade, os quais tinham que acompanhar no máximo dois alunos com dificuldades escolares, na sala de aula e sendo os seus tutores. Estes alunos por norma tinham problemas de concentração e dificuldades de aprendizagem. Cada tutor acompanhava os alunos de acordo com o seu ritmo de aprendizagem, utilizando exercícios para melhorar o rendimento dos alunos. Este estudo foi desenvolvido em 22 escolas, com a participação de 20.000 jovens. No final, 60% dos alunos envolvidos melhoraram o seu rendimento escolar, particularmente a leitura; sentiam-se mais confiantes e mais calmos. Os professores conseguiram, desta forma, melhorar o aproveitamento do grupo. Em relação aos voluntários, foi possível observar a melhoria das capacidades psíquicas.

O autor observou que, o envolvimento destes voluntários na tarefa de tutor, pode reduzir os riscos de demência, além de promover uma adequada estimulação cognitiva, psíquica e social. Outros benefícios para os idosos foram o aumento da sua auto-estima e o sentimento de que eram úteis, levando-os a uma realização pessoal.

3.1.O Geronte

A Organização Mundial de Saúde (OMS) define como pessoa idosa, àquela com idade equivalente ou superior a 60 anos, em países em desenvolvimento, como o Brasil. A velhice não tem idade definida para se iniciar depende da disposição, atitude e interesse de cada pessoa em relação à sua qualidade de vida. Envelhecer não significa enfraquecer, ficar triste ou assexuado. Entretanto, na nossa cultura, diversos mitos e atitudes sociais são atribuídos às pessoas com idade avançada relacionados à sexualidade, dificultando a manifestação desta na fase mais tardia da vida. Sendo o Idoso o “protagonista” da velhice, esta é referenciada

negativamente com frequência. No entanto, é uma etapa que pode ser vivenciada de uma forma positiva, como afirma Grün (2009):

(...) uma etapa da vida, tem história, tem experiência, tem capacidade para avaliar situações, para superar crises, para encontrar soluções, tem sobretudo tempo para dar e receber, disponibilidade para amar e alegria para servir. (p.6)

Uma forma de definir um indivíduo como uma pessoa idosa pode basear-se em argumentos de carácter biológico. A partir da noção biológica de velhice ou, mais precisamente, de senilidade, é possível, então, demarcar, através do padrão de declínio de determinadas características físicas, o momento a partir do qual o indivíduo pode ser, ou não, considerado como “velho”. Esse momento, quando semelhante em termos de tempo de vida entre diversos indivíduos, permite o uso da idade como critério de demarcação da velhice. Nesta lógica, idoso é aquele que tem a idade correspondente à idade típica de um “velho”. O problema de classificação torna-se aparentemente simples, procurando apenas que se estabeleça a idade-limite que separa os idosos dos não-idosos.

Com o aumento da esperança de vida e a mudança do papel das pessoas idosas na sociedade põem em causa o conceito de “idoso”. Existem dois problemas neste conceito: o primeiro é a classificação para distinguir os idosos de não-idosos; o segundo está relacionado com o conteúdo da classificação de um indivíduo como idoso.

O conceito de idoso, portanto, envolve mais do que a simples determinação de idades-limite biológicas e apresenta, pelo menos, três limitações. A primeira diz respeito à heterogeneidade entre indivíduos no espaço, entre grupos sociais e culturais. A segunda é associada à suposição de que características biológicas existem de forma independente de características culturais e a terceira é relativa à finalidade social do conceito de idoso.

Idoso, em termos estritos, é aquele que tem “muita” idade. A definição de “muita” traz uma carga valorativa. Os valores que corroboram esse juízo dependem de características específicas do ambiente onde os indivíduos vivem. Então, a definição de idoso não diz respeito a um indivíduo isolado, mas à sociedade como um todo. Assumir que a idade cronológica é o critério universal de classificação para a categoria idoso é correr o risco de afirmar que, indivíduos de diferentes lugares e diferentes épocas, são homogêneos.

O conceito de idoso, do ponto de vista documental, também tem finalidades de carácter social. Na classificação de um indivíduo como idoso predominam tanto objetivos relacionados com a sua condição em um determinado ponto no ciclo de vida biológica, quanto no ciclo de vida social. Classificam-se as pessoas idosas, por benefícios da segurança social, com o objetivo de estimar a procura dos serviços de saúde, e também, como uma maneira de distinguir a situação dos indivíduos no mercado de trabalho, na família e/ou em outras esferas da vida social.

Uma das consequências do uso da idade para a definição de idoso é o poder prescritivo contido nesta definição. A sociedade cria expectativas em relação aos papéis sociais daqueles com o *status* de idoso e exerce diversas formas de coerção para que esses papéis se cumpram, independentemente das características particulares dos indivíduos (Laslett, 1996). O *status* de idoso pode ser atribuído a indivíduos com determinada idade, mesmo que não apresentem características de dependência ou senilidade associadas à velhice e, mais importante, que recusem esse *status*. Uma forma clara dessa coerção é a reforma obrigatória presente nos regimes de aposentação de vários países, inclusive dos países desenvolvidos.

A pessoa idosa é alguém com uma experiência própria, é uma pessoa única e tem que ser tratado como alguém especial. Richard e Mateev-Dirkx (2004), indicam algumas das características que frequentemente se atribuem aos idosos, tais como: crise de identidade, dificuldade de adaptação a novas realidades, diminuição da auto-estima, ausência de motivação no planeamento do seu futuro, atitudes infantilizadas, carências de afectos, diminuição da libido e da sexualidade, tendência para a depressão e para a hipocondria, tentações de suicídio, aparecimento de novos medos (ser um peso ou um estorvo, sobrecarregar ou incomodar os

familiares, medo da solidão, de doenças e da morte), diminuição das faculdades mentais, problemas a nível cognitivo, motivacional, afectivo e da personalidade.

A pessoa idosa é normalmente vista, como alguém doente, incapaz, improdutivo, tornando-se dependente da família, e de uma forma mais abrangente, da comunidade em geral. Segundo Barros (2008) o idadismo e/ou a gerontofobia é encarado como um processo de declínio, em que predominam os aspectos negativos. Refere também este autor que os estereótipos a respeito do envelhecimento e da velhice são mais estigmatizados nas sociedades ocidentais e ditas desenvolvidas, havendo a percepção de que, em geral, as culturas africana e oriental prezam mais os seus mais velhos.

Há, no entanto, outros estudos que não encontram tais concepções negativas sobre a velhice. Foi o caso dos estudos levados a cabo por Molina (2000), que trabalhando numa amostra de adolescentes e adultos, concluiu que ambos os grupos etários tinham uma visão positiva dos idosos. Um dado que considerou importante foi o facto de que as atitudes positivas tenderem a crescer com a idade, o que quer dizer que os mais novos têm percepções menos positivas do que os adultos relativamente aos idosos.

É deste modo que Barros (2008) considera que muito pouco se tem feito no sentido de que os mais novos modifiquem positivamente a sua compreensão acerca das pessoas idosas. No estudo levado a cabo por Bales, Eklund e Siffin, (2000) os resultados sugerem que a programação intergeracional entre crianças e idosos muda para melhor o entendimento dos mais novos a respeito dos mais velhos. Com base nestes dados, Barros (2008) considera a necessidade de programas educativos como plano de intervenção neste domínio, dando ênfase também que este contacto deve iniciar o mais cedo possível.

Neto (1992) considera que a concepção dos jovens a cerca dos idosos pode variar de sociedade para sociedade, em virtude de variáveis como: as tradições, a estrutura familiar e o grau de contacto íntimo com os idosos. Mas o autor destaca ainda que, independentemente das sociedades, estas concepções podem ter consequências futuras se os jovens tiverem de assumir a responsabilidade de cuidar dos idosos. Deste modo, é claro que as percepções que os jovens têm dos idosos desempenharão um papel fundamental no modo como a sociedade assumirá cuidar deles. O autor refere ainda, o facto de que muitos desses jovens tornar-se-ão eles também idosos, e como tal, as suas percepções a respeito da velhice podem vir a influenciar o seu desenvolvimento pessoal durante a adultice, bem como o seu próprio processo de envelhecimento.

3.2. O Jovem

O termo *jovem* é entendido como a forma imatura de um ser vivo, sendo este o período precedente à maturidade sexual. Para os seres humanos esta designação indica o período que medeia entre a infância e a maturidade, aplicando-se a ambos os sexos e podendo dar lugar a variações no período de idade que ocorre dependendo da cultura em que o jovem está inserido.

A conceptualização de fixação etária reconhece a necessidade de se delimitar a fase juvenil apenas para fins de política pública ou estatística, aceitando-se a proposta de contextualizar os jovens num período delimitado. Contudo, algumas concepções dispersas não contribuem para a formulação de uma teoria científica coerente do que significa ser jovem, negando a sua especificidade e afirmando, no entanto, a condição juvenil como uma fase específica e singular de transição psicológica e sociológica.

No que se refere ao jovem, é um período de negação de verdades idealizadas e estabelecidas pelas instituições sociais, em conflito com a necessidade de descoberta, experimentações e afirmações (filosóficas, religiosas, sexuais, educacionais e profissionais); socialmente o universo juvenil é caracterizado por ser uma fase em que ocorrem pressões, tomadas de decisão e responsabilização por parte da família, escola, comunidade e demais instituições sociais (igreja, estado...), podendo originar conflitos entre o jovem e as instituições em que está inserido.

Daí o conceito de “Juventude” como compreensão de identidade e organização e, mais ainda, a necessidade de caracterização como “Juventudes”, reconhecendo essa diversidade.

De acordo com Cortez (1995), todas as alterações sofridas no corpo, fazem da puberdade e adolescência uma etapa da vida marcada pelo crescimento ativo a nível hormonal e físico, iniciando a capacidade reprodutora do indivíduo, para além das modificações cognitivas inerentes a este processo biológico. Estando o aspeto cognitivo presente desde o princípio destas transformações físicas, este tem um papel importante, condicionando a sua forma de pensar. Os indivíduos experimentam um desenvolvimento cognitivo que os leva a ver o real em termos abstratos, a levantar hipóteses, a fazer considerações alternativas e a correlacionar variáveis. A mudança na forma de pensar dos indivíduos altera o seu raciocínio permitindo-lhes distinguir o real do possível, as hipóteses dos factos, proporcionando uma lógica de pensamento que se traduz na possibilidade de resolução de problemas com várias dimensões, de modo a organizar as variáveis e questionando-as, utilizando o abstrato de modo a encontrar a solução.

Zal (1993 p.41-42) refere que o adolescente vive uma luta interior, que o leva a desafiar os costumes e princípios básicos da vida, dando lugar a muitas alterações à medida que o jovem lida com as questões da identidade, independência e escolha vocacional.

Os jovens ansiando determinar as suas individualidades, prosseguem na procura de metas socialmente aceites de modo a sentirem-se integrados na idade adulta.

A dimensão social vem determinar o contexto em que assumem os valores próprios de cada sociedade, introduzindo noções de dependência social versus autonomia social. (...) Em sociedades complexas é cada vez mais difícil definir uma idade ou situações determinadas, a partir das quais um jovem se reconheça como adulto. (Cortez, 1995, p.341)

Assim, o indivíduo é impelido a adaptar-se e a integrar-se, participando socialmente. Constatamos, então, que o sujeito é influenciado intrínseca e extrinsecamente na sua relação com a sociedade, para além de cada trajetória de vida ter uma lógica que advém de uma consciência cognitiva nas diferentes fases da vida, ou seja, à medida que vivemos, a nossa estrutura cognitiva e social adapta-se, de modo a saber que papéis deveremos desempenhar de acordo com os modelos da sociedade em que nos inserimos.

3.3 Relações intergeracionais

O envelhecimento crescente da população portuguesa é uma realidade que não pode ser ignorada e cuja expressão tem vindo a acentuar-se nas últimas décadas como resultado da diminuição da população jovem e da taxa de natalidade, a pirâmide etária apresenta um duplo envelhecimento, ou seja, um envelhecimento no topo (aumento da população idosa) e um envelhecimento na base (diminuição da população jovem).

De acordo com Fontaine (2000), o envelhecimento não é um estado, mas sim um processo de degradação progressiva e diferencial, que afecta todos os seres vivos desde a concepção até à morte. Não sendo possível datar o grau de envelhecimento do indivíduo, pois o mesmo está dependente de factores biológicos, psicológicos, sociológicos e/ou ambientais, e a sua velocidade e gravidade são variáveis de indivíduo para indivíduo.

O envelhecimento depende naturalmente do passar do tempo, mas o ritmo desse processo pode ser determinado por cada um. As pessoas envelhecem quando desistem dos seus ideais. Se nos mantivermos activos e ocupados, teremos uma vida preenchida.

Com o aumento da esperança de vida o número de pessoas com idade cada vez mais avançada acentua-se e, como tal, constata-se maiores níveis de dependência, que consequentemente acarretam uma grande diversidade de problemas de natureza social, política e económica.

A mobilidade social, geográfica e profissional, os fenómenos do progresso industrial e da urbanização, as mudanças nas dinâmicas familiares são algumas das causas de isolamento a que muitos idosos estão sujeitos no nosso país. Por sua vez, na sociedade contemporânea, são cada vez mais os idosos que vivem sozinhos.

Uma das formas de fazer face a este problema, que deverá tocar a todos, passa por promover o envelhecimento saudável, não só no que respeita à boa condição física e mental mas também à inclusão social que permite ao idoso desempenhar as tarefas que gostaria de exercer dentro da sociedade. A qualidade do envelhecimento depende do investimento contínuo na saúde física e psíquica, envolvendo uma alimentação saudável, actividade física e a prevenção ao nível dos cuidados de saúde primários, por um lado. Por outro lado, uma boa interacção social, uma aprendizagem permanente, implicando interesses vários, como a leitura, o cinema, o teatro, concertos, exposições, hobbies, cursos, etc.

O envelhecimento populacional configura-se como uma das diversas expressões da questão social que se manifesta como uma forma de exclusão social; podemos dizer de uma forma genérica que o isolamento social é potenciado por razões como a diminuição progressiva da visão, audição, a insegurança na mobilidade, as múltiplas patologias que podem conduzir ao aparecimento de níveis de incapacidade e dependência que se vão instalando gradualmente, como também a viuvez, a perda de parentes e amigos, as dificuldades financeiras, as disputas familiares e as características de uma sociedade que tende a valorizar o que é material (factores que interferem na afectividade, deixando de existir a preocupação com os outros).

O isolamento dos idosos continua a ser uma problemática dos nossos dias. Uma realidade partilhada por hospitais, onde alguns doentes são deixados ao cuidado de profissionais sem a visita de qualquer familiar, ou nos seus próprios lares, onde ficam confinados à sua tristeza e solidão. Na realidade, os nossos idosos são dos que têm menos condições para aproveitar a velhice com qualidade, face à média da União Europeia. Apesar de viverem o mesmo tempo, têm menos dinheiro e menos anos de vida saudável.

Mas o problema vai muito além das questões monetárias, situando-se a um nível mais pessoal. Nos grandes centros urbanos, a solidão na velhice é uma realidade especialmente difícil de combater. Na primeira década do século XXI, encontramos grandes cidades em todo o mundo com mais de cinco milhões de habitantes e, em contrapartida, aldeias e zonas rurais antes largamente habitadas, tornando-se, agora, zonas desertificadas. No interior do nosso país encontramos aldeias isoladas e completamente desabitadas, e outras onde só vivem um casal de idosos, em que os mais novos emigraram ou procuraram trabalho nas grandes cidades e os mais velhos têm sido vencidos pelos anos.

No caso de Portugal, é um problema que se agrava em Lisboa, uma das cidades mais envelhecidas do país com 36,6% dos agregados a serem constituídos por pessoas com mais de 65 anos e muitos idosos a viverem sozinhos.

Uma solidão que, como o próprio nome indica conduz a um isolamento da realidade (um isolamento das relações interpessoais), e até, a um isolamento dos problemas do idoso, com consequente diminuição da ingestão alimentar, o que condiciona o aumento da vulnerabilidade às doenças.

Cabe às gerações mais novas promover a inclusão dos seus seniores, ao gerontólogos e a outros técnicos sociais o encaminhamento para respostas sociais, de modo a quebrar o isolamento, para que o relacionamento com os outros possa ser o início de um envelhecimento mais saudável e feliz.

Os jovens, enquanto construtores das suas identidades, têm de se preparar para se tornarem indivíduos autónomos conscientes da sua maturidade e evolução pessoal:

(...) Na juventude descobrimos o que desejamos fazer e quem desejamos ser (...) Enquanto jovens adultos aprendemos com quem desejamos estar (...) Na idade adulta, contudo, aprendemos de que e de quem podemos tomar conta (...) (Gleitman., et al., 2009:847)

No entanto, assiste-se a uma desfiguração do papel do geronte no meio social, aliada ao incremento dos estereótipos e preconceitos em relação a esta faixa etária, em virtude das alterações geracionais provocadas pelas mudanças nas estruturas familiares:

(...) gerações diferentes viviam frequentemente em conjunto, fazendo parte de um sistema de família alargado, e havia muito menos segregação com a idade. Os lares de terceira idade e comunidades de reformados não existiam. As pessoas mais velhas contribuíam para os recursos familiares, mesmo quando eram demasiado velhas para trabalhar, tomando conta das crianças, ajudando nas tarefas domésticas, etc. Os idosos, especialmente as mulheres, tinham ainda outra função: pedia-se-lhes muitas vezes conselho em questões da educação das crianças e de assuntos domésticos. (Gleitman., et al., 2009:846)

Se pensarmos como a sociedade encara o idoso, verificamos como foi possível os papéis sociais mudarem tanto ao longo do tempo: “(...)vivem à parte, são efectivamente segregados do resto da sociedade, excluídos da força de trabalho, e perderam o seu papel de conselheiros respeitados. Dadas estas mudanças, a transição para a terceira idade é hoje muito diferente do que era há 150 anos” (p.847). Erikson (1982) afirma que só nos últimos anos a velhice foi “descoberta” numa época em que as pessoas idosas não são um pequeno grupo, mas uma grande massa populacional.

Na sociedade actual há formas subtis, sofisticadas, de alienação humana e social, daí resultando uma tendência para nos remeter cada vez mais para nós próprios. Lipovetsky, (2005) caracterizou a nossa época, e em particular a sociedade ocidental dos anos 80, como a era do narcisismo, que integraria o paradoxo da realização do homem individual e do vazio, enquanto ser social. Na sociedade moderna aos valores do grupo, ao bem-estar colectivo, subjacentes aos grandes movimentos sociais que nortearam os anos 60, sobrepõem-se os valores individuais, a preocupação com o nosso bem-estar doméstico, a segurança do nosso núcleo familiar restrito, a valorização da nossa imagem através da ascensão económica e profissional. Cada homem tornou-se responsável por si próprio e é-lhe dada toda a liberdade, todos os recursos para triunfar, desde que o faça sozinho. Cada homem tornou-se dono de si próprio e fonte do seu próprio prazer.

No entanto, o isolamento e solidão são, hoje, vividos de uma forma intensa, principalmente pelos gerentes das cidades. Segundo Bruto da Costa (2005), a vida em sociedade é também moldada pela relação que estabelecemos com diversas instituições, pelas características dos territórios que habitamos, pelas referências identitárias que construímos e que nos permitem ser reconhecidos e reconhecermo-nos como parte dessa sociedade. É no relacionamento interpessoal e intergeracional, traduzidos na construção das memórias individuais e colectivas que está o essencial para a inclusão e dignidade da pessoa humana nas suas dimensões juvenis e idosas.

Cabe ao homem na pessoa do indivíduo com valores e perspectivas únicas, comportamentos individuais e responsabilidades civis, ter o sentimento de pertença e fazer parte integrante de uma sociedade composta por estruturas sociais políticas económicas e culturais em que a participação da comunidade activa de indivíduos na sociedade, possa influenciar e transformar essa mesma comunidade.

4. Projectos Juvenis de Práticas de Intergeracionalidade

4.1. “Adote um Amigo”

Enfatizando a necessidade emergente de se promover a aprendizagem e a prática intergeracional, umas vezes perdida, outras esquecida, como meio de alcançar a solidariedade entre gerações, queremos focar alguns exemplos positivos da nossa profissionalidade.

O exemplo, de uma boa prática é o que atualmente se faz na Junta de Freguesia de Campolide para combater a solidão das pessoas idosas.

Esta Junta de Freguesia em parceria com os alunos da Faculdade de Economia da Universidade Nova de Lisboa, dinamizaram o projeto “Adote um Amigo”, que visa combater a solidão entre as pessoas idosas da Freguesia. A iniciativa surgiu através de um protocolo entre a autarquia local e a Faculdade, onde foi criada

uma bolsa de voluntários, todos estudantes da Faculdade de Economia, que desde Março de 2011 vão uma vez por semana fazer companhia a um idoso, e os resultados têm sido considerados positivos.

Segundo Paula Brito, responsável do programa, referiu à Agência Lusa, “Há uma grande satisfação, tanto do lado dos idosos como dos voluntários. Estão a desenvolver-se laços de afeto muito interessantes.”

Esta Junta de Freguesia tem várias iniciativas dirigidas para a população idosa, especialmente àqueles que vivem sozinhos e estão isolados em sua casa. Paula Brito afirma relativamente a estes idosos: “porque estão mais envelhecidos ou por motivos que se prendem com a mobilidade” tem sido alvo de “grande preocupação”.

O objetivo é colmatar as necessidades dessas pessoas que “muitas vezes estão num isolamento afetivo muito grande”, afirmou ainda: “É um voluntariado diferente porque é como se estivessem a acompanhar um familiar, um amigo”, referindo que “Os jovens visitam-nos como se fossem um neto ou um sobrinho, fazem-lhes companhia, veem televisão, vão ao café, acompanham-nos a fazer alguma compra, ouvem-nos”, mas, na realidade nem sequer fazem parte da família.

A responsável acrescentou ainda que, para os jovens, “também é uma mais-valia muito grande, porque lhes vai desenvolver aspetos como compaixão, espírito de partilha, tolerância e compreender melhor a outra geração”.

Com frequência os jovens que participam em atividades com idosos institucionalizados, alegram-se no convívio com as pessoas mais velhas, demonstrando o gosto nestas envolvências. Segundo Andrade (2002), o convívio é tão importante para os idosos como para os jovens. Para o idoso, porque lhe permite conviver e relacionar-se socialmente, para os jovens pelos benefícios que têm ao poderem conhecer e aprender com as experiências e o saber das pessoas idosas.

O convívio dos jovens com as pessoas idosas é fundamental, podendo contribuir positivamente em relação à velhice dos seus familiares, e até para a própria velhice.

A experiência de contacto entre jovens e pessoas idosas poderá servir de alguma forma para quando os agora jovens forem velhos. No entanto, sabemos que quando atingirem a velhice estarão dependentes de outras pessoas.

Uma das vantagens do convívio entre os jovens e as pessoas idosas é o facto destas se sentirem mais jovens, úteis e com valor.

O idoso precisa de comunicar com a juventude, precisa de atenção, pois através do convívio com os jovens, sobretudo, contando histórias da sua experiência de vida, lembra e recorda tempos idos, dando-se a conhecer ao jovem, criando-se uma ligação afetiva entre idoso e jovem, essencial na (re)construção da identidade do idoso e do jovem. Assim, a pessoa idosa sente-se importante para alguém que o valoriza, passando a ter no convívio com os jovens, não só a possibilidade de recordar, através do que conta, mas de encontrar outras pessoas que o reconhecem, ou seja, fazer novos amigos.

4.2.” O Centro Social da Sé”

Outro exemplo importante de práticas de intergeracionalidade teve lugar no Centro Social da Sé (CSS), um Estabelecimento da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, com valências de Centro de Dia e Apoio Domiciliário que presta auxílio às pessoas idosas das freguesias da sua área de ação. Realiza atividades lúdicas, recreativas, culturais, formativas e informativas, proporcionando às pessoas idosas que frequentam este estabelecimento a opção de escolha das mesmas que mais sejam do seu agrado, desejando ir ao encontro das suas necessidades e realização pessoal.

Ao longo de aproximadamente um ano houve uma interação quase diária, começando por ser semanal, entre os jovens e as pessoas idosas do Centro que culminou na realização do Festival Alkantara 2010.

O espetáculo teatral Dona Vlassova & Guests (Centro de Dia) foi o produto de um trabalho intergeracional realizado ao longo de aproximadamente um ano, em encontros semanais entre jovens atores e utentes do CSS da SCML.

Não podemos deixar de referir a importância que estes jovens tiveram na vida destas pessoas idosas, e a valorização que os idosos sentiram foi real, no convívio genuíno da partilha de atenção e na permuta de afetos constante.

“...A grande virtude de Centro de Dia, além de nos fazer habitar um tempo absolutamente diferente, reflexivo, partilhado e lento, é conseguir erguer-se sem grandes explicações nem malabarismos conceptuais. Faz-se pela simplicidade e pela imprevisibilidade.” (Pina Coelho, in: Público, 2010)

Da interação da relação entre estas duas gerações (jovens e pessoas idosas) resultou um magnífico trabalho conjunto de fluidez e encantamento para ambas as partes:

“ (...) Em forma de espetáculo de variedades, os atores ultra-reais (os idosos que se auto-representam), na sua idade avançada, cantam-nos canções, um a um, em coro, canções de um tempo que nos faz renascer, de uma portugalidade que imaginamos perdida (e tantas vezes sem sentido). (...) uma energia tal que de imediato me comoveu. Não pela exotização da velhice, não pela piedade, não pela freakilização que poderia haver, nada disso (e creio que para todos), mas pela sensibilidade, dignidade e humildade que se apresentavam defronte de nós (...)” Ricardo Seíça Salgado

Para as pessoas idosas que ao longo de cerca de um ano privaram com os estes jovens e tiveram um papel de intervenientes ativos no espetáculo, ou passivo para aqueles que contaram histórias e partilharam experiências de vida, o festival Alcantara teve um significado especial: “Um raio de sol! Pois surgiram do nada, uma juventude, culta e interessada foi o que melhor podia ter acontecido, num mundo de mudos, que passam o dia sentados, a conversar (...)!” (Germano Lopes, 84 anos)

Todo o trabalho desenvolvido e apresentado mostra que, na generalidade, a maior parte dos contactos entre gerações têm implicações positivas, tendo como objetivo comum a promoção do bem-estar dos participantes envolvidos.

De acordo com Ribeiro e Paúl (2011) as relações entre os seres humanos são os fundamentos que alicerçam e moldam a nossa personalidade: “(...) as nossas relações são as âncoras em que estruturamos as nossas prioridades, e uma convivência harmoniosa com os outros faz-nos sentir seguros, apoiados e compreendidos, contribuindo para a definição da nossa identidade, pois aquilo que pensam de nós contribui para a imagem que vamos construir de nós próprios.” (p.141)

O desenvolvimento e a aprendizagem condicionam-se mutuamente. O indivíduo constrói e desenvolve-se à medida que interage socialmente, apropriando-se e recriando a cultura das gerações anteriores.

5.Considerações Finais

O envelhecimento da população tem-se vindo a observar em todos os países, em especial nos países mais industrializados. Cada pessoa envelhece individualmente, de formas muito diversas, sendo este um processo diferencial de degradação. Os processos de senescência são observáveis a nível de todos os órgãos. Se o comportamento do indivíduo influencia significativamente este processo, ele não pode, apesar de tudo, travá-lo ou invertê-lo.

Segundo Fontaine (2000), é o envelhecimento que revela dados objetivos sobre o indivíduo, como a degradação física, redução tendencial dos funcionamentos perceptivos e mnésicos, e muitas outras limitações; e também dados subjetivos que constituem de facto a *representação* que a pessoa faz do seu próprio envelhecimento. O autor afirma que cada um de nós tem diversas idades: a) a *idade biológica*, que está mais ligada ao envelhecimento orgânico, embora os órgãos não envelheçam todos ao mesmo ritmo, cada órgão sofre modificações que abrandam o seu funcionamento durante a vida; b) a *idade social*, referente aos estatutos e aos hábitos do indivíduo, relativamente aos outros membros da sociedade. Esta idade é fortemente influenciada pela cultura e pela história de um país, e também produz consequências nos indivíduos ao nível dos padrões comportamentais das culturas em que os mesmos se inserem; c) a *idade psicológica* relativa às competências que o indivíduo pode mobilizar em resposta às mudanças do ambiente, que inclui as capacidades mnésicas e intelectuais, ou seja, a memória e a inteligência respetivamente, e as motivações para o empreendimento, factores que parecem estar, em parte, sob o controlo do indivíduo.

Sabemos também, que o ser humano desde que é concebido até que falece passa por várias idades, nomeadamente a idade biológica, a social e a psicológica que podem não estar em concordância com a idade cronológica. É preciso considerar que os comportamentos e o estilo de vida de cada pessoa, bem como os marcadores patológicos (hipertensão, colesterol, entre outros) podem ou não influenciar a pré-disposição para uma idade correspondente a uma faixa etária mais avançada.

Contudo, cada país com a sua cultura e o seu tipo de organização socioeconómica é responsável pelo papel e imagem dos seus velhos. Cada sociedade segrega um modelo de homem ideal e é desse modelo que depende a imagem da velhice, e a sua consequente, desvalorização ou valorização.

Para Andrade (2002), nem todos os que se relacionaram com pessoas idosas tiveram experiências que lhes permitiram aprender a conhecer os idosos e a valorizá-los mais. A garantia de uma velhice melhor para todos dependeria de uma transformação de valores em que os jovens sejam considerados como motor e catalisador dessa “revolução”.

Deste modo, além da sociedade envolvente, cada indivíduo é desde cedo responsável pela sua própria imagem e pelas relações que estabelece, o que contribui para a sua identidade sendo o reflexo das relações que se mantém durante a vida, e assim pode alterar a imagem do idoso, muitas vezes negativa

As práticas intergeracionais traduzidas em relações entre os seres humanos são os fundamentos que alicerçam e moldam a nossa personalidade e contribuem para a nossa identidade, na medida em que aquilo que pensamos contribui para a imagem que vamos construir de nós próprios.

No caso de Portugal, o envelhecimento e consequente isolamento, é um problema que se agrava em Lisboa, uma das cidades mais envelhecidas do país com 36,6% dos agregados familiares a serem constituídos por pessoas com mais de 65 anos e muitos a viverem sozinhos.

Uma solidão que, como o próprio nome indica conduz a um isolamento da realidade (um isolamento das relações interpessoais), e até, a um desinteresse dos problemas do idoso a todos os níveis, o que pode condicionar o aumento da vulnerabilidade às doenças físicas e psíquicas.

Cabe às gerações mais novas promover a inclusão das pessoas idosas, aos gerontólogos e a outros técnicos sociais o encaminhamento para respostas sociais, de modo a quebrar o isolamento, para que o relacionamento com os outros possa ser o início de um envelhecimento mais saudável e feliz.

Constatamos que é fundamental que as diferentes gerações criem laços de interdependência, onde a troca de saberes e experiências ganhem um valor preponderante.

Creemos que a elaboração e implementação de programas com criatividade e inovação que promovam o convívio entre gerações, sobretudo entre jovens e pessoas idosas, contribuirá para diminuir o fosso causado pela segregação etária e o estigma da velhice.

Os casos que aqui focamos constituíram experiências enriquecedoras e uma mais-valia para jovens e pessoas idosas que estiveram envolvidas, um dos exemplos que aqui apresentámos foi uma experiência de muito valor, tanto para os jovens atores como para os idosos intervenientes, tendo-se verificado que todos os

participantes, saíram mais ricos desta experiência, ao nível das relações e dos afetos. Na grandiosidade da partilha e no achado do tempo que permanece na mente daqueles que tiveram o privilégio de participar e assistir a uma actividade intergeracional positiva, fica um exemplo a seguir e uma prática possível de ser implementada.

Os ciclos de vida são momentos de mudança e desenvolvimento, pelo que o Homem deve saber encará-los com uma dinâmica diferente em cada etapa. Nota-se aqui a importância que as diferentes gerações têm no apoio nessas mesmas etapas.

Falar de gerações, idades ou ciclos de vida remete-nos para mudança, umas vezes positiva outras não, mas a vida é feita de transformações e adaptações, assim é também o envelhecimento, um ciclo, uma geração em determinada idade. Independentemente das limitações inerentes a este processo, deve ter-se em conta um conjunto de objetivos e projetos de vida, de forma a manter a pessoa ativa e integrada na sociedade. Deste modo, é olhando para esta perspetiva que compreendemos a importância da intergeracionalidade.

É necessário, desde cedo, trabalhar com as crianças o “estatuto do idoso”, visando sempre a construção da velhice, que deve começar na infância, tendo em conta que um dos motivos de haver preconceito e exclusão das pessoas idosas na sociedade, é o facto de não haver aceitação nem compreensão de que todos vamos envelhecer.

Mas tendo em consideração o fenómeno moderno contingente de um crescente número de idosos, torna-se imperativo a existência de espaços naturais que possibilitem a aprendizagem e desenvolvimento mútuos que resultam do convívio intergeracional com qualidade. Conclui-se, dos exemplos apresentados, que ações entre gerações são possíveis e podem ser úteis ao nível da intervenção com jovens e com pessoas idosas, na promoção do seu desenvolvimento pessoal através da intergeracionalidade, promovendo assim, um envelhecimento com qualidade de vida.

No sentido das múltiplas socializações a que estamos expostos todos ensinam e aprendem, pois é numa base de intergeracionalidade que se promove a transmissão e a herança sociais: “Transmitir e herdar são duas facetas de um mesmo momento que coloca gerações diante do desafio de definir como se devem conduzir (...)” (Tomizaki,2010:239).

Referências Bibliográficas

AMES, B. & YOUAT, J. (1994). Intergenerational education and service programming: A model for selection and evaluation of activities. *Gerontology*, 20(8).

ANDRADE, F. (2002). *Uma Experiência de Solidariedade entre Gerações: Contributos para a formação pessoal e social dos alunos de uma escola secundária*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.

BALES, S., EKLUND, S., & SIFFIN, C. (2000). Children's perceptions of elders before and after a school-based intergenerational program. *Educational Gerontology*, 26 (7), 677-689. In: NUNES, L. (2009). *Promoção do bem-Estar Subjetivo dos Idosos através da Intergeracionalidade*. Dissertação de Mestrado. Coimbra: UC/FPCE.

BARROS, J. (2008). *Psicologia do Envelhecimento e do Idoso*. Porto: Legis Editora.

BERGER, L. (1995). Atitudes, mitos e estereótipos. In L. Berger & D. Mailloux-Poirier (Org.) *Pessoas Idosas: Uma Abordagem Global*. Lisboa: Lusodidacta. (p.63-71).

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.

BRUTO da COSTA, A.(2005) *Exclusões Sociais*. Lisboa: Gradiva.

- CARLSON, M. (2009). Evidence for Neurocognitive Plasticity in At-Risk Older Adults: The Experience Corps Program. *The Journals of Gerontology Series A: Biological Sciences and Medical Sciences*. Volume 64A Issue (12).Pp.1275-1282
- CORTEZ, M. (1995). *Educar no Feminino e no Masculino*. - Separata da Revista de Estudos Políticos e Sociais. Lisboa: UTL. p. 337 - 366.
- DELLMANN-JENKINS, M. (1997). A senior- Centered Model of Intergenerational Programming With Young Children. *Journal of Applied Gerontology*, 16, 495.
- DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA (2008). Porto: Porto Editora.
- FONTAINE, R. (2000). *Psicologia do Envelhecimento*. Lisboa: Climepsi Editores.
- FREIRE, P. (2003). *Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra.
- GLEITMAN, H., FRIDLUND, A., & REISBERG, D. (2009). *Psicologia*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- GRANDE ENCICLOPÉDIA PORTUGUESA E BRASILEIRA, (1949 volume: XII). Editora Enciclopédia, limitada. Lisboa/Rio de Janeiro.
- GRÜN, A. (2009). *A Sublime Arte de Envelhecer e tornar-se uma bênção para outros*. Lisboa: Edições Paulinas.
- HAMILTON, I. S. (2002). *A Psicologia do Envelhecimento*. Brasil: Artmed Editora.
- JACOB, L. (2007). As Relações Intergeracionais.
- http://www.socialgest.pt/_dlds/APintergercoes.pdf (acedido em Junho 2010)
- KAPLAN, M., LIU, S. & HANNON, P. (2006). Intergenerational Engagement Retirement Communities: A Case Study of a Community Capacity-Building Model. *Journal of Applied Gerontology*, 25(5), 406-426.
- LASLETT, P. (1996). What is old age? Variation over time and between cultures. *Internacional studies in demography: health and mortality among the elderly: issues for assessment*. Nova York: Oxford University Press Inc., (p. 21-38).
- MOLINA, J. (2000). Estereótipos hacia los ancianos. Estudio comparativo de la variable edad. *Revista de Psicologia General y Aplicada*, 53(3), 489-501.
- NERI, A. L. (2005). *Palavras-chave em Gerontologia*. Campinas-SP: Alínea.
- NUNES, L. (2009). *Promoção do Bem-Estar Subjectivo dos Idosos através da Intergeracionalidade* - Dissertação de Mestrado. Coimbra: UC/FPCE.
- RIBEIRO, O. & PAÚL, C. (2011). *Manual de Envelhecimento Activo*. Lisboa:Lidel.
- RICHARD, J. & MATEEV-DIRKX, E. (2004). *Psychogérontologie*. Paris: Masson.
- TOMIZAKI, K. (2010) Transmitir e herdar: O Estudo dos fenômenos educativos em uma Perspectiva intergeracional. *Revista Educação e Sociedade*. Campinas, 31(11).Pp. 327-346
- WEINTRAUB, A. & KILLIAN, T. (2007). Intergenerational Programming: Older Person's Perceptions of Its Impact. *Journal of Applied Gerontology*, 26, 370.
- ZAL, M. (1993). *A Geração Sanduíche: Entre filhos adolescentes e pais idosos*. Lisboa: Difusão Cultural.